

## **A escola pública na Imprensa Carioca**

VAZ, Élida; NEIVA MOREIRA, Martha; TAVARES, Marcus Tadeu.

A escola é uma instituição cuja função social vai muito além do lugar onde se vai para aprender os conhecimentos historicamente constituídos. Não há dúvidas que o espaço escolar tem o privilégio de ser, como já afirmou o educador Paulo Freire, “um centro produtor de cultura, aberto ao mundo, na confluência de uma via de mão dupla, sendo influenciada pela sociedade e influenciando na constituição desta mesma sociedade”. Nela cabem as diversas formas de compreender o mundo, os diferentes pontos de vista, as diferentes vivências e a certeza que nenhum ponto de vista, sozinho, pode explicar a realidade (MULTIEDUCAÇÃO, 1996: 97).

Ao considerar a escola como um lugar determinante para constituição dos sujeitos e de sua forma de se situar no mundo, onde os diversos pontos de vista estão presentes, entendemos que ela se constitui no espaço privilegiado do confronto, do surgimento de contrapontos sobre as questões relativas ao campo da educação e, em um ponto de vista mais amplo, do educar, hoje, para o mundo. Ainda assim, o jornalismo, mesmo nas matérias e reportagens que pretendem tratar do universo da educação, parece não perceber essa dimensão e dar voz a outros atores que não àqueles que estão na escola.

Surge, assim, uma questão fundamental: por que a escola, na figura de professores e alunos, não tem voz nos discursos jornalísticos, mesmo naqueles que tratam sobre Educação? Esta é uma pergunta que merece ampla reflexão e pesquisa. Neste trabalho pretendemos dar início a este percurso, iniciado em pesquisa anterior, intitulada *A Educação na imprensa carioca da década de 1990*<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Pesquisa realizada pelos jornalistas Élida Vaz, Eliane Bardanachvili, Martha Neiva Moreira e Marcus Tavares, apresentada no IV Encontro de História de Mídia, GT Jornalismo, Maio de 2006, São Luis, Maranhão.

A escolha da temática se dá em virtude da importância que a Educação tem na agenda nacional, sendo apontada, inúmeras vezes, como prioridade. Pelo menos, no discurso de autoridades e da imprensa brasileira. No caso dos jornais cariocas, o tema esteve em grande evidência durante toda a década de 1990<sup>2</sup>.

Ao focar a pesquisa no Jornal O Dia, pretende-se aprofundar a análise sobre a forma como o ensino público vem sendo retratado nos jornais de grande circulação do Rio de Janeiro. A atenção se concentra no Jornal O Dia pelo fato de ser um veículo de grande circulação na cidade, com linha editorial mais popular e que durante a década de 90 manteve um caderno específico sobre educação. Além disso, levou-se em conta também o fato de o jornal se destinar, em princípio, a um público frequentador da escola pública.

Entre os aspectos a serem abordados estão: a presença da escola pública nas reportagens em termos quantitativos e qualitativos, observando-se especialmente as capas; os protagonistas dessas matérias; e como a instituição é retratada.

### **A escola e a mídia**

Entendemos que o fato de a 'voz' da escola, na figura de professores e alunos, não ter espaço no discurso da grande imprensa, não quer dizer que não se fale desta instituição nas matérias e reportagens publicadas pelos jornais. Portanto, nossa questão se inscreve em uma reflexão mais ampla sobre o lugar que ela (a escola) ocupa no discurso jornalístico.

Este trabalho pretende investigar como e de que ponto de vista o Caderno de Educação de O Dia, falou sobre a escola, especialmente a escola pública. Não se trata ainda de um estudo amplo das vozes presentes nas matérias de Educação de O Dia, mas de um mapeamento preliminar a partir de uma amostra. Até porque estudar as vozes no jornalismo

---

<sup>2</sup> Há vários levantamentos e análises realizados pela ANDI – Agência Nacional dos Direitos da Infância, em publicações diversificadas e no próprio site da instituição ([www.andi.org.br](http://www.andi.org.br)). O monitoramento a respeito da presença do assunto na mídia vem sendo feito de forma permanente. Entre as publicações consultadas, está Mídia & Educação – Perspectivas para a qualidade da informação. Brasília, 2000.

– entendido aqui como um discurso dialógico<sup>3</sup> idealmente polifônico<sup>4</sup>, pleno de interpretações e, especialmente, que resulta de condições de produção e rotinas muito particulares – é uma tarefa difícil, pois exige mais do que identificar apenas “quem fala”. Requer um mapeamento completo de todos os sujeitos envolvidos no discurso (o que escreve, o que fala e o que lê) para que se entenda a lógica a partir da qual ele foi construído(BENETTI).

Afinal, não há dúvidas de que as sociabilidades se configuram por vias midiáticas. Como observa RESENDE (2005), as relações sociais passam a ser sobrepostas pela circulação midiática e se conformam em um espaço cuja ordem se estabelece a partir de uma correlação de forças.

“O campo dos *media*, como também o são os outros, tanto se faz autônomo como dependente. Em outras palavras, ele instaura, ao mesmo tempo em que conforma e redefine, discursos sobre e para a sociedade, ou seja, ele cria e recria práticas sociais discursivas que tanto desejam falar da sociedade como se constituir enquanto saber acerca desta mesma sociedade. Junte-se a esses aspectos, ainda, o fato de que o campo dos *media* narra experiências e modos de vida calcados em subjetividades que estão, insistentemente, cravadas na objetividade demandada pela necessária lida com o cotidiano. Ou seja, eles interferem no *status quo* e recriam modos de vida (...)”. (RESENDE, 2005:160)

A esta pesquisa importou mapear os temas tratados e “quem fala” – ou, na perspectiva de DUCROT (1987), o enunciador, a pessoa de cujo ponto de vista são apresentados os acontecimentos – nos discursos que tratam do campo da educação, para entender a partir de que lugar, como e porque se fala sobre a escola na grande imprensa. Ou seja, nos interessa a produção de sentido que se fez da escola nas matérias e reportagens veiculadas.

---

<sup>3</sup> Bakhtin diz que toda a linguagem é dialógica e este dialogismo ele explica como sendo a idéia de que o eu existe somente na interação com os outros eus, “trata-se da relação entre o texto e todos os seus 'outros': o autor, o leitor, o intertexto” (STAM, 2000).

<sup>4</sup> O conceito de polifonia foi criado por Bakhtin para definir os textos nos quais várias vozes estão presentes.

### **Porque o olhar sobre as vozes**

O jornalismo entendido como um lugar de circulação de diferentes saberes sobre os fatos do mundo, deve ser representativo da diversidade social. O que só é possível como a pluralidade de perspectivas de enunciação, de pontos de vista. “Muitos locutores não significam, necessariamente, muitos enunciadores. Por trás de aparentes polifonias, muitas vezes escondem-se textos essencialmente monofônicos” (BENNETI). Desta forma, revelar como funciona o discurso jornalístico, na perspectiva de desmistificar a idéia de que um texto com muitas fontes é plural, é a chave para entender quem, de fato, tem voz social.

### **Porque o olhar sobre o jornalismo impresso**

Primeiro, porque a mídia, em qualquer de seus suportes, tem um papel fundamental na nossa vida cotidiana. É por ela que sabemos o que se passa no mundo. Estudá-la, portanto, significa entender algo “que contribui para nossa variável capacidade de compreender o mundo, de produzir e partilhar seus significados” (SILVERSTONE, 2002). Segundo, porque o jornalismo, ao se ocupar de relatar os fatos do cotidiano, é “um instrumento de participação do público na vida social” (BAHIA, 1990). Por último, porque o jornal, sem de dúvida, é o “mais legítimo e duradouro veículo impresso depois do livro” (DINES, 1986) e tem um potencial para abrigar boas narrativas. Todos nós precisamos das narrativas, são elas que nos constituem como sujeitos. “Sem essa produção cultural - a narrativa - o ser humano não se expressa, não se afirma perante a desorganização e as inviabilidades da vida” (MEDINA, 2003).

### **Porque olhar para a escola**

Porque a escola, em toda sua diversidade, abriga inúmeras histórias. Histórias de anônimos que fazem a riqueza do cotidiano e dão sentido ao contexto social, mas ficam à deriva perante a pirotecnia visual e gráfica da grande imprensa (MEDINA). Reconstituir a trama

de quem vive a luta do cotidiano, e que não têm voz, recriar seus falares, é contar uma boa história. E contar uma boa história, afinal, é o segredo da reportagem, observa MEDINA.

Portanto, voltar o olhar para as tramas do cotidiano escolar significa voltar os olhos para um espaço que é público de todos nós, mas também é fazer uma defesa da prática da reportagem, de uma forma de narrar o presente mais amplamente, que não se limite aos rigores técnicos da prática jornalística vigente.

### **A análise: Jornal O Dia e o Caderno de Educação**

Fundado em 1951 pelo ex-governador Antônio Chagas Freitas, o Jornal O Dia atravessou os anos 60 e 70 com forte apelo sensacionalista até ser comprado pelo jornalista Ary de Carvalho, em 1983. A partir de então, a direção do jornal iniciou um período de transformações intensas, com contratação de novos editores e repórteres renomados, a fim de conquistar leitores da classe C que não dispunham de uma publicação séria que tratasse de temas de seu interesse<sup>5</sup>.

Além de uma mudança profunda dos projetos editorial e gráfico, a direção do jornal investiu pesado em tecnologia. Foi construído um parque gráfico e a redação foi totalmente informatizada a ponto de em 1999 ter se tornado a primeira multimídia do país. Toda essa transformação foi acompanhada de uma agressiva estrutura de marketing e distribuição, o que levou O Dia, em 1997, a assumir a liderança sobre o seu principal concorrente no Rio de Janeiro e 'ver' ampliada sua aceitação entre os leitores de classe B.

Foi exatamente neste período e neste contexto de investimento em uma cobertura um pouco mais qualificada que nasceu o Caderno de Educação. Inspirados em pesquisas de mercado, que indicavam uma preocupação acentuada das classes média e baixa com a educação dos filhos, a direção do jornal resolveu criar ainda em 1997 um suplemento semanal que atendesse não só demandas dos alunos e professores, mas também dos pais. A fórmula foi

---

<sup>5</sup> Dados fornecidos pelo Jornal O Dia.

bem aceita pelo público, que estava acostumado, até então, a uma cobertura da área restrita a greves, período de matrícula, filas etc.

A idéia era, segundo o jornalista Arnaldo César, editor-executivo de O Dia na época e responsável pelo projeto, prestação de serviço. "A linha editorial visava mostrar aos pais que a qualidade do ensino – público e privado – sempre dependeria da participação deles (pais) no dia-a-dia das escolas"<sup>6</sup>. O projeto se propunha ainda a dar atenção ao mercado de trabalho – "o que se justificava pela constatação que, para esses pais leitores do jornal, a ascensão social dos filhos se daria pela educação", informa o jornalista. Quanto aos professores, insistia-se, em cada edição, na importância da capacitação profissional. Tanto é que uma página do suplemento era franqueada aos pedagogos e educadores notórios para debaterem os caminhos da educação no país.

As reuniões de pauta eram realizadas às quartas-feiras com toda a equipe – oito pessoas no total, entre editores, repórteres, revisor e colaboradores. Nesses encontros, os temas da semana trazidos pelos repórteres eram discutidos e escolhidos, de forma que o Caderno nascia pré-editado. As questões que giravam em torno do cotidiano das escolas cariocas – públicas ou privadas – eram as principais 'fontes' dos repórteres. De certa forma, evitava-se o noticiário 'chapa-branca' fornecido pelas secretarias e ministérios. O que não implicava, no entanto, que ministros e secretários merecessem, muitas vezes, espaços para debaterem temas de interesse dos três atores principais da publicação – alunos, professores e pais. Pesquisadores, principalmente aqueles que se ocupavam de investigar as questões ligadas à prática pedagógica, também eram ouvidos pela equipe do Caderno.

Os temas que prestavam algum serviço para pais ou professores sempre acabavam merecendo manchete ou chamada na primeira página. Assim, assuntos como a escolha da melhor escola para os filhos, cuidados com a voz do professor, reforma universitária, profissões novas no mercado de trabalho, entre outros, eram abordados. Além disso, havia três colunas, duas de notas – dedicadas ao universo de professores universitários e outra ao

---

<sup>6</sup> Entrevista realizada em abril de 2006.

movimento estudantil – e uma terceira com matérias sobre projetos bem-sucedidos realizados nas escolas municipais do Rio de Janeiro.

O projeto editorial previa ainda, uma edição especial que circulava no início do ano letivo. Ela trazia um ranking das melhores escolas públicas e privadas da cidade. A proposta era orientar os pais com relação às escolas que iriam matricular seus filhos. As cinco instituições mais bem colocadas, em uma pesquisa realizada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, recebiam uma placa do jornal e uma estação completa de computador (impressora, internet e etc.). Os Colégios Pedro II (de São Cristóvão) e São Bento foram os que mais prêmios levaram.

Mesmo com uma linha editorial mais voltada para a prestação de serviço do que para o debate propriamente dito das questões relativas à qualidade da educação no país, especialmente à qualidade da Educação pública, o Caderno de Educação O Dia se destacou diante da fraca cobertura da área. "A cobertura de Educação sempre foi – e continua sendo – muito fraca. É extremamente burocratizada, no Brasil inteiro por sinal, e são raras as reportagens de fôlego que debatem realmente os problemas. Normalmente, os assuntos em pauta são os que interessam aos órgãos oficiais e as realizações feitas na sala de aula não são percebidas pelas grandes publicações", observa Arnaldo Cesar.

Por conta disso, o Caderno, com formato tablóide e 16 páginas, se tornou referência e chegou a ser copiado por outros jornais do interior do Brasil. Para se ter uma idéia do prestígio do suplemento, o então ministro da Educação, Paulo Renato de Souza, costumava convocar seus editores, em Brasília, quanto tinha algum anúncio importante a fazer. Invariavelmente nas terças-feiras, fracas de assuntos explosivos, o Caderno de Educação ocupava a primeira página de O Dia com manchete ou chamada.

O Caderno era integralmente financiado pela Petrobras. Depois dos classificados e do Caderno de Automóveis era o encarte de maior faturamento no jornal. Quando perdeu este patrocínio, a direção do jornal – com a desculpa que o mercado publicitário não tinha como bancar o custo da publicação – descontinuou a publicação. O Caderno saiu de circulação

em 2001 com uma tiragem média de 300 mil exemplares sem nunca ter sido deficitário. Durante os quatro anos em que foi publicado o Caderno era uma espécie de âncora que atraía leitura para o jornal de terça-feira. As despesas eram estimadas em R\$ 1 milhão por mês, sendo que quase a totalidade deste valor era gasta com papel.

### **Estrutura do Caderno de Educação**

O primeiro exemplar do Caderno de Educação de O Dia foi publicado em 3 de junho de 1997 e o último em 9 de agosto de 2000. A partir daí, se tornou a página Educação e Vestibular, que circulou diariamente como parte da editoria Geral, entre 15 de agosto de 2000 a 23 de abril de 2002.

O Caderno de Educação era um suplemento semanal e as edições tinham a apenas a capa, a contracapa e as páginas centrais em quatro cores. A estrutura editorial comportava três colunas de notas: Mestrado, na página 2, tratava de temas ligados à política do Ensino Superior; uma outra, na página 11, chamada Estudantada, trazia notas pertinentes ao público jovem de Ensino Médio e universitário; e uma terceira coluna, no miolo, Educação e Tecnologia, que era o espaço do patrocinador do Caderno, a Petrobras, e noticiava ações de projetos da empresa ligados à área de Educação e formação de mão-de-obra. Esta coluna logo acabou e o espaço foi ocupado por matérias sobre ações do projeto O Dia na Sala de Aula, parceria entre o Jornal O Dia e a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro que buscava trabalhar a formação de novos leitores de jornal no universo das escolas da rede pública carioca.

Além das colunas havia mais três seções fixas: Pelo Campus, na página 11, uma agenda de cursos e eventos na área de Educação; Ponto e Contraponto, na contracapa, onde um tema era comentado por dois especialistas com pontos de vistas diferentes; e o Perfil, em que se contava uma história curiosa de estudante de um personagem jovem, conhecido do grande público ou não. Mais seis matérias, incluindo a de capa, completava esta estrutura, sendo que uma delas tinha como tema, em todos os números, o vestibular. Vale ressaltar que as



matérias cujo assunto tinha a ver com Ensino Superior eram editadas sempre na página 2, ao lado da coluna Mestrado.

Neste estudo, analisamos três edições do Caderno – a primeira e a última, além de uma intermediária, do ano de 1998 –, e a primeira edição da página Educação e Vestibular.

### **Edição de 3 de junho de 1997**

A primeira edição teve como tema de capa a crise nas universidades públicas do Rio de Janeiro. Na matéria, os quatro reitores das principais instituições públicas de ensino superior do Estado do Rio (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Universidade do Rio de Janeiro) contavam como driblavam a falta de repasses do governo fazendo parcerias com empresas privadas ou prestando serviços à população. A capa exibia a foto dos reitores com a chamada “Como vencer a crise”, acompanhada de três chamadas menores, sendo uma delas ligada ao tema principal “Congresso vota, nesta semana, mudanças na autonomia das universidades”, uma outra ligada à seção Perfil, e uma terceira que tratava das mudanças do modelo de ensino da rede pública de Minas Gerais - “Minas Gerais combate a burocracia no ensino e cria projeto modelo na rede pública”.

A referência ao ensino público, especialmente à escola pública, ficou por conta, nesta edição, da matéria sobre o modelo de ensino de Minas Gerais e uma segunda reportagem, sem chamada de capa, relativa a reformas estruturais no ensino profissionalizante. Ou seja, nas 12 páginas do suplemento, duas se dedicaram a tratar do ensino público, mas apenas a matéria intitulada “Minas dá exemplo de bom ensino”, que buscou explicar para o leitor porque a implantação do projeto Qualidade da Educação levou o ensino de Minas a ser considerado um modelo de sistema no país. A reportagem foi editada em uma página – uma matéria principal bem pequena, com duas retrancas e um quadro intitulado “Os dez mandamentos do sucesso”, que trazia as ações que, segundo o então secretário de Educação da Época, principal fonte da matéria, teria revolucionado o ensino do estado.

A reportagem é toda costurada com dados sobre a redução dos índices de repetência e evasão nas escolas que implantaram o projeto. São ouvidos três diretores, de instituições diferentes que conseguiram reduzir a evasão e repetência, e todos eles ressaltam que a melhoria dos índices em suas escolas se deu por ações efetivas de gestão, tais como parcerias com empresas privadas, aproximação com a comunidade, investimento em cursos de capacitação dos professores e autonomia para gerir os recursos recebidos. Em nenhum momento da matéria se ouve professores ou alunos para referendar com exemplos concretos o referido processo de mudança.

A foto principal é de meninas fazendo uma aula de dança, com uma legenda que diz que uma das iniciativas de uma das escolas mineiras para evitar a evasão foi instituir aulas de balé. A foto do então secretário de Educação, João Batista dos Mares Guia, aparece no quadro.

A segunda matéria desta edição que trata do ensino público é intitulada “Polêmica nas escolas técnicas”. A reportagem foi editada em uma página, com um texto principal e uma retranca, e a foto de uma das fontes da matéria, um professor de uma escola técnica do Rio de Janeiro.

O texto principal explica a portaria do então ministro da Educação, Paulo Renato Souza, que prevê uma reforma no ensino profissionalizante, e traz declarações de uma fonte oficial do Ministério da Educação e outra do Conselho de Diretores de Instituições Federais de Educação Tecnológica (Conditec). O texto é bem equilibrado e as duas fontes têm o mesmo peso na matéria. A voz das escolas técnicas aparece via declarações de diretores/professores de três Cefets (Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow) do país: no Rio, Bahia e Maranhão.

### **Edição de 14 de julho de 1998**

Traz apenas duas matérias que enfocam questões ligas à escola pública. Uma delas mereceu a capa, cuja manchete polêmica, “Chega de rico no Cefet”, convida a leitura. A matéria em

questão enfoca uma rede de instituições públicas federais de ensino profissionalizante que, como outras do gênero, pela declaração do então ministro da Educação Paulo Renato, “preparava gratuitamente a classe média para o vestibular”. A reportagem, editada nas páginas centrais do Caderno, parte do ponto de vista do Ministro para tratar das reformas em curso no ensino técnico, especialmente a ampliação de vagas para alunos de escolas públicas de primeira linha.

As fontes ouvidas são o próprio Ministro da Educação, o secretário de Educação Média e Tecnológica do MEC, os diretores dos Cefets do Rio de Janeiro e Paraná, este último apontado na matéria como instituição modelo, e um ex-aluno da instituição apontado como ideal na matéria pelo Ministro.

O tema é tratado de forma muito geral, informando apenas as propostas de o MEC fazer convênios com as escolas públicas de excelência e não problematizando a questão do acesso ao ensino de qualidade. Professores não são ouvidos e a voz dos estudantes se expressa unicamente nas declarações de um ex-aluno de escola técnica recém-contratado por uma grande empresa de fabricação de caminhões.

Uma segunda matéria desta edição trata de questões do universo da escola pública. Editada na página cinco do suplemento, com o selo do projeto O Dia na Sala de Aula, e uma bela foto de sala de aula, com alunos e professora trabalhando, a matéria “Uma sala muito engraçada” conta que com muita criatividade e empenho uma professora de uma pré-escola da rede municipal do Rio de Janeiro conseguiu driblar a falta de equipamentos, criando, com poucos recursos, uma série de jogos e materiais de trabalho com sucata. A matéria fala das invenções e têm a própria professora como fonte, mas peca por não se aprofundar em questões mais amplas que têm a ver com o processo relatado, como por exemplo, a importância da periodicidade para o trabalho com alunos de Educação Infantil.

**Edição de 17 de novembro de 1998**

Já a edição de 17 de novembro de 1998 destacou o número de inscritos no vestibular da UFRJ, em duas páginas que apresentavam um serviço amplo sobre o concurso, informando tudo que os candidatos poderiam ou não fazer. A capa apresentou mais duas chamadas só com títulos, sobre entrevista com o então futuro secretário de Educação, Hésio Cordeiro, sobre a implantação de um sistema integrado, e polêmica entre os pais causada pela decisão da secretaria Municipal de Educação de separar as séries.

Outro assunto destacado na edição, na página 4, foi a realização de matrículas automáticas na rede municipal de ensino, a partir de calendário publicado no Diário Oficial do Município. Na mesma página, também foi publicada matéria sobre a realização de cursos sequenciais em universidades públicas e particulares, que vinha causando polêmica entre pró-reitores da região Sudeste.

A iniciativa de professoras da então chamada pré-escola (Educação Infantil) do Instituto de Educação, de criar um telejornal com caixa de papelão, foi tema da matéria publicada na página 7 da mesma edição. A foto apresentava uma das professoras na sala de aula com as crianças que participavam do projeto. No texto, a professora falava sobre a iniciativa, que tinha o objetivo de “desenvolver as linguagens oral e gestual, além, é claro, de ampliar o conhecimento das crianças”. A orientadora pedagógica também falava sobre o trabalho, que fazia referência também a utilização de jogos em sala de aula.

O personagem Daniel, o Dã, interpretado pelo ator Sérgio Hondjakoff, na novela Meu bem querer, da TV Globo, teve u perfil apresentado na página 10. O ator falava sobre sua relação com o estudo. O título ressaltava: “Manual de ser bom em tudo. Ele não chega a ser CDF, mas gosta de falar difícil, como o Dã, de Meu bem querer”.

## **Edição de 15 de agosto de 2000**

Uma semana depois do fim do caderno, o Jornal O Dia passou a dedicar uma página à área de Educação, mas com foco também em vestibular. A edição de 15 de agosto de 2000, a primeira a circular como página, apresentava como manchete matéria sobre o vestibular da Uerj, que começaria no domingo seguinte. A foto, ocupando quatro colunas, era de uma candidata de um curso particular de Nilópolis, que pretendia melhorar seu desempenho no concurso (tinha tirado C na primeira etapa).

A edição trazia ainda um calendário com as datas mais importantes dos concursos de seleção às universidades, Dicas do Pachecão, seção com recomendações sobre como fazer uma boa prova e na parte inferior questões de concursos anteriores.

Fora do vestibular, foi publicada apenas uma matéria, com o título “Leitura da paz invade os presídios do estado”, sobre o projeto A hora da leitura, que tinha sido lançado para 1.500 alunos matriculados em 12 escolas estaduais que funcionavam em presídios e instituições que abrigavam menores infratores (Degase). A fonte era a responsável pelo projeto, da Secretaria estadual de Educação.

Havia ainda uma coluna, Boas notas, com pequenas notas sobre protesto de professores, mudança de estrutura do Conselho Estadual de Educação, exposição de invenções de alunos do Cefet e Conselho Regional de Pedagogia.

## **Conclusão**

O que se observa, nesta análise, é que o Caderno de Educação do Jornal O Dia mesmo tendo como tema a educação, poucas vezes apresentou um maior aprofundamento dos reais problemas da área, principalmente no que diz respeito à esfera pública, responsável pelo ensino da maior parte das crianças/jovens em idade escolar<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Só na Rede Municipal de Ensino da Cidade do Rio de Janeiro estudam mais de 700 mil alunos, da Educação Infantil, do Ensino Fundamental, da Educação Especial e do Programa de Educação de Jovens e Adultos (Peja), conforme dados da SME, disponíveis em [www.rio.rj.gov.br/sme](http://www.rio.rj.gov.br/sme).

Nas edições analisadas, observa-se ainda uma ausência da fala de alunos e professores. Soma-se a isto o fato de que as reportagens quase sempre foram pautadas a partir do olhar dos órgãos oficiais e não do ponto de vista dos sujeitos que integram a comunidade escolar. Ou seja, os principais atores da educação (professores e alunos) quase nunca foram fontes consultadas a respeito da temática da educação.

Como observa RESENDE, “o jornalismo enquadra sua narrativas em um lugar tão formatado que se torna tarefa difícil estendê-las a procedimentos dialógicos e polifônicos”. Por isso, o que o autor observa, e se comprova na análise, são narrativas, em princípio, autoritárias, “exatamente porque propõem o apagamento daquele que fala”.

Cabe observar que esta ação não deve ser considerada como decorrente de uma escolha explícita dos jornalistas envolvidos na produção dessas matérias, mas sim como decorrentes da forma de executar o trabalho e a repetição permanente desse modo de produção, que muitas vezes recorre às fontes mais acessíveis e preparadas para fornecer o discurso que se deseja obter.

O caráter das matérias meramente informativas e genéricas é também observado no material objeto da pesquisa, o que evidencia, segundo MEDINA, mais um impedimento para a construção de narrativas. Ao contrário, produz relatos atrofiados ou monológicos.

### **Bibliografia**

- BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BENETTI, Márcia. Jornalismo e perspectivas de enunciação: uma abordagem metodológica. Disponível em [www.intexto.ufrgs.br](http://www.intexto.ufrgs.br).
- DINES, Alberto. O papel do jornal: uma releitura. São Paulo: Summus, 1986.
- DUCROT, Oswald. O dizer e o dito. Campinas: Pontes, 1987.
- MEDINA, Cremilda. A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

PINTO, Milton José. Comunicação e discurso; introdução à análise de discursos. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

RESENDE, Fernando. O jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista, in Livro da XIV Compôs – 2005: Narrativas midiáticas contemporâneas/orgs. André Lemos, Christa Berger e Marialva Barbosa – Porto Alegre: Sulina, 2006.

SILVERSTONE, Roger. Por que estudar a mídia. São Paulo: Loyola, 2002.

SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiatização. In: MORAES, Denis (Org.). Sociedade Midiatizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

STAM, Robert. Bakhtin. Da teoria literária à Cultura de Massa. São Paulo: Ática, 2000.

